

Perdendo o bonde da história

O Brasil atingiu o fundo do poço diante de verdadeiro beco sem saída. A inflação galopante, o incontrolável déficit público e a crescente perda do poder aquisitivo da população geram uma das mais agudas recessões econômicas dos últimos tempos. Nem o Governo nem as mais importantes correntes políticas apresentam qualquer programa consistente para vencer esse complexo conjunto de dificuldades.

Depois do desenvolvimentismo do governo Juscelino Kubitschek e dos tempos do "milagre econômico" do governo Médici, o País mergulhou no desespero e na desesperança. O brasileiro, incluindo ricos e pobres e, principalmente, a elite intelectual, perdeu por inteiro o sentimento de otimismo e de grandeza com que era conhecido em todos os países da América Latina. O que domina, agora, é o desânimo.

A Universidade de Campinas está promovendo um seminário intitulado "Perspectivas da economia brasileira", cujas conclusões só reforçam esse pessimismo. Torna-se curioso constatar como o embaixador do Brasil em Washington, Marcillo Marques Moreira, e a economista Maria da Conceição Tavares têm visão coincidente dos nossos problemas.

Ambos acham que o Brasil consolida sua posição na periferia da economia mundial, estando ameaçado pela crise e pelos novos núcleos supranacionais do poder econômico de chegar ao fim do século com 25 anos de atraso. Ainda que possuindo uma economia considerada mediana em termos inter-

nacionais, o Brasil integra a América do Sul, uma parte do mundo considerada à margem dos grandes pólos de poder da nova economia internacional.

A nova realidade é enriquecida com a presença da Comunidade Econômica Europeia, um mercado de mais de um trilhão de dólares no fim do século, pelos Estados Unidos, Canadá e México, o Sudeste Asiático, o Japão e a China. As grandes vias do comércio internacional tendem a se centralizar em torno desses grandes pólos do poder econômico mundial, relegando as nações periféricas a uma atividade apenas marginal.

O mais grave é que a nossa elite política não parece preocupada com um problema que tanto tem a ver com a destinação histórica do País. Os vários conferencistas desse seminário, como Maria da Conceição Tavares, Adroaldo Moura da Silva, da USP, e o economista Luís Gonzaga Belluzzo, registram a alienação da elite política brasileira em relação a problemas que estão na raiz do pessimismo nacional.

Diante da desesperança e do desânimo que dominam amplas camadas da elite e do povo, é mais triste ainda constatar que as principais correntes políticas não estão preocupadas em promover um diagnóstico dos grandes problemas nacionais para apresentar um programa de longo prazo. São as questúnculas, as lutas de poder provincial que continuam a preocupar a grande massa de nossa elite política.